

Passado, presente e futuro do nosso idioma, do seu ensino e da sua normalização

**XXVII Jornadas de Ensino de Galiza e Portugal
Ourense 2003**

José Martinho Montero Santalha

1. As duas concepções da nossa língua

Diferenças entre as duas normas

Reintegracionismo (lusismo)	Anti-reintegracionismo (isolacionismo)
Ortografia	
Uso de certas letras (e dígrafos):	
1 <i>lh</i> (<i>filho, mulher, olho</i>)	<i>ll</i> (<i>fillo, muller, ollo</i>) [= castelhano]
2 <i>nh</i> (<i>caminho, tenho, minha</i>)	<i>ñ</i> (<i>camíño, teño, miña</i>) [= castelhano]
3 <i>-m</i> final (<i>com, andam, um, alguém</i>)	<i>-n</i> final (<i>con, andan, un, alguén</i>) [= castelhano]
4 uso de <i>g</i> ante <i>e</i> ou <i>i</i> (<i>longe, fugir</i>)	não <i>ge, gi</i> mas <i>x</i> (<i>lonxe, fuxir</i>)
5 uso do <i>j</i> (<i>janeiro, hoje, ajuda</i>)	não <i>j</i> mas <i>x</i> (<i>xaneiro, hoxe, axuda</i>)
6 uso românico de <i>b / v</i> : <i>haver, amava</i>	uso latino de <i>b / v</i> : <i>haber, amaba</i> [= castelhano]
7 uso de <i>ç</i> (<i>cabeça, moço</i>)	não <i>ç</i> mas <i>z</i> (<i>cabeza, mozo</i>) [= castelhano]
8 <i>z</i> também ante <i>e</i> ou <i>i</i> (<i>fazer, produzir</i>)	não <i>ze, zi</i> mas <i>c</i> (<i>facer, producir</i>) [= castelhano]
9 <i>-ss-</i> (<i>esse, nosso, cantasse</i>)	não <i>-ss-</i> mas <i>-s-</i> (<i>ese, noso, cantase</i>) [= castelhano]
10 não se usa <i>-h-</i> medial (<i>proibir, baía</i>)	<i>-h-</i> medial (<i>prohibir, bahía</i>)
10 <i>qu-</i> ante <i>a, o</i> (<i>qual, quanto, quando</i>)	não <i>qua, quo</i> (<i>cal, canto, cando</i>)
Uso de certos signos gráficos:	
11 hifen com os pronomes enclíticos: <i>come-o, leva-mo</i>	enclíticos sem hifen: <i>cómeo, lévamo</i>
12 distribuição do acento gráfico: <i>séria, seria, sua, ali</i>	<i>seria, sería, súa, alí</i>
13 acento circunflexo nas vogais fechadas: <i>cortês, prevê</i>	só acento agudo: <i>cortés, prevé</i>
14 signos de interrogação e admiração só no fim	também no início da frase
15 <i>ao, aos</i> (“vou ao monte”)	<i>ó / ao, ós / aos</i> (“vou ó / ao monte”)
16 <i>comer o caldo, comes o caldo</i>	<i>come-lo caldo / comer o c., cóme-lo c. / comes o c.</i>
Morfologia	
17 <i>quarenta, quinhentos</i>	<i>corenta, cincocentos</i>
18 pronome pessoal sujeito de P2: <i>tu</i>	<i>ti</i>
19 pronome de cortesia: <i>ocê</i>	<i>vostede</i>
20 acentuação verbal esdrúxula: <i>dávamos, déramos, dariamos</i>	acentuação grave: <i>davamos, deramos, dariamos</i>
21 <i>amaste</i> (ou <i>amache</i>), <i>temeste, partiste</i>	<i>-s</i> final: <i>amaches, temeches, partiches</i>
22 <i>dizer, escrever, receber, viver</i> (da 2ª conj.)	<i>dicir, escribir, recibir, vivir</i> (da 3ª conj.)
23 <i>até, desde, nem</i>	<i>ata / até, desde / dende, nin</i>
24 comparações com <i>como</i> e <i>que</i>	comparações com <i>coma</i> e <i>ca</i>
25 <i>-vel, -veis</i> (<i>amável, amáveis</i>)	<i>-ble / -bel, -bles / -beis</i> (<i>amable / amábel</i>)
26 <i>-imento</i> (<i>sofrimento</i>)	<i>-emento</i> (<i>sofremento</i>)
27 <i>-çom / -ção, -som / -são, -xom / -xão</i> (<i>cançom / canção, flexom / flexão</i>)	<i>-ción, sión, -xión</i> : (<i>canción, flexión</i>)
28 <i>Galiza</i>	<i>Galicia / Galiza</i>

2. A supervivência do idioma ameaçada

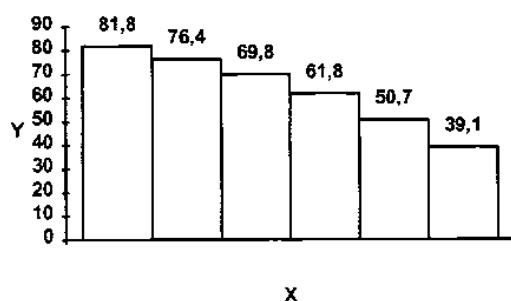
a) A perda de falantes

A seguinte tabela de dados amostra a evolução ao longo do século XX, com a perda de falantes nativos:

A perda de falantes do galego ao longo do século XX

Coluna 1	Coluna 2	Coluna 3	Coluna 4
Anos de nascimento dos falantes	Nenos galegos que tinham o galego como língua inicial (ou materna) nesse período	Falantes que o galego perdeu nesse período	Porcentagem total de falantes perdidos até esse momento
até 1900	93 %	7 %	7 %
1901-1910	90 %	3 %	10 %
1911-1920	86,4 %	3,6 %	13,6 %
1921-1930	81,8 %	4,6 %	18,2 %
1931-1940	76,4 %	5,4 %	23,8 %
1941-1950	69,8 %	6,6 %	30,4 %
1951-1960	61,8 %	8 %	38,4 %
1961-1970	50,7 %	11,1 %	49,5 %
1971-1980	39,1 %	11,6 %	60,9 %
1981-1990	23,8 %	15,3 %	76,2 %
1991-2000	5,3 %	18,5 %	94,7 %

Para observar o significado desse processo podemos ver, em representação figurada mais facilmente perceptível, qual foi essa evolução nos decisivos anos 1920-1980:



b) Uma língua dependente ou satelizada

1) Progressiva castelhanização morfo-sintáctica: alguns exemplos

1) Pronomes pleonásticos de complemento indirecto

- 1) “Encontrou-se com Maria e pediu-lhe que vinhesse amanhã”.
- 2a) “Pediu-lhe a Maria que vinhesse”

2b) "Pedi a Maria que vinhesse"

- 2) Confusom *amara /amasse*.
- 3) Abandono do infinitivo pessoal.
- 4) Abandono do futuro de subjuntivo.
- 5) Preposição a com complemento directo.

2) Progressiva castelhanização léxica: alguns exemplos

- 1) *Para nada*.
- 2) *Trás*.
- 3) *Conlevar*.

3. A concepção da identidade lingüística do idioma da Galiza

a) Obscurecimento da consciência de unidade galego-portuguesa : causas da tendência desmembradora

1. Extrapolação do político ao lingüístico. O nome *galego*.
2. A ortografia castelhana.
3. A metodologia dialectológica.

b) A consciência da identidade lingüística galego-portuguesa

1) Os filólogos estrangeiros

Friedrich Diez, Gröber, Meyer-Lübke, Menéndez Pidal, Joan Corominas.

2) Unidade das literaturas galega e portuguesa

Em 1877 -portanto quando ainda a literatura galega moderna era bastante pobre Teófilo Braga deu cabida a vários poetas galegos contemporâneos, ao lado dos portugueses e brasileiros, na sua antologia de poetas em língua portuguesa que intitulou *Parnaso português moderno*¹.

Em 1888 António de la Iglêsia incluía na sua antologia histórica da literatura galega um fragmento de *Os lusíadas* de Camões.

Em 1922 publica-se na sua versão, original inglesa o estudo histórico de Bell sobre a literatura portuguesa. Esta obra, merecidamente famosa, que seria publicada em português em 1931

¹ Teófilo BRAGA, *Parnaso português moderno, precedido de um estudo da poesia moderna portuguesa*, Lisboa 1877, pp. 241-312. Este facto foi oportunamente notado por Ernesto GUERRA DA CAL na introdução à sua antologia rosaliana: Rosalia de CASTRO (1837-1885), *Antologia poética, Cancioneiro rosaliano: Seleção e Organização, Adaptações do galego, Versões do espanhol, do catalão e do inglês, Apresentação e Notas de Ernesto GUERRA DA CAL*, Guimarães Editores, (Lisboa ?) 1985, Coleção Poesia e Verdade, LII + 368 pp. (Homenagem a Rosalia no seu centenário).

em versom de Agostinho de Campos e de Barros e Cunha, inclui um apêndice sobre literatura galega.

Jacinto do Prado Coelho incluiu a literatura galega, em plan de igualdade junto com a portuguesa e a brasileira, no seu grande *Dicionário de Literatura*, fazendo notar a presença galega até no mesmo título da obra: *Dicionário de Literatura: Literatura portuguesa, Literatura brasileira, Literatura galega, Estilística literária*.

É conhecida a longa entrega de Rodrigues Lapa à causa da cultura galega e à defesa da pertença do território galego ao mundo lusófono. O grande mestre nom ficou só em afirmações teóricas, mas procurou reflectir a unidade lingüística também na prática. Assim, na sua popular *Estilística da língua portuguesa* aduz abundantes exemplos literários de autores galegos, considerando-os membros de pleno direito da literatura em português.

3) Figuras da cultura galega

O Padre Feijoo (1676-1764)

"[No romance lusitano] advirto que deve incluir-se a lingua galega como, em realidade, indistinta da portuguesa, por ser pouquíssimas as vozes em que discrepam, e a pronúncia das letras em todo semelhante; e assim se entendem perfeitamente os individuos de ambas as nações sem nenhuma instrução antecedente. [...] O idioma galego e o lusitano som um mesmo; para confirmação dessa proposição [...] exporemos aqui brevemente a causa mais verossimil desta identidade.

É afirmação unânime nos livros de história que polo ano 400 [...] foi a Hispânia inundada com a violenta irrupção de godos, vândalos, suevos, alanos e silingos, nações septentrionais. Dentre estes, os suevos [...] apoderaram-se da Galiza, onde reinaram gloriosamente durante 170 anos [...]. É assim mesmo certo que nom só dominaram Galiza mas também a maior parte de Portugal [...]. Tampouco ha dúvida de que, no tempo em que entraram os suevos na Galiza e em Portugal, falava-se nos dous reinos, como em todos os demais da Hispânia, a lingua latina [...].

Estabelecidos estes supostos, já se encontra à mão a causa que buscamos da identidade do idioma português e do galego; e é que, tendo estado as duas nações separadas de todas as demais províncias, sob a dominação de uns mesmos reis, precisamente no tempo em que a língua na Hispânia -corrompendo-se pouco a pouco pela mistura das nações septentrionais- foi degenerando em particulares dialectos, consequentemente ao contínuo e recíproco comércio de portugueses e galegos (sequela necessária de estarem as duas nações sob a mesma dominação) era preciso que ambas formassem o mesmo dialecto."²

² Padre Jerónimo FEIJOO, *Teatro crítico universal*, tomo I, discurso 14, ano 1726.

O Padre Sarmiento (1695-1772)

"Sábese que la famosa conquista de Portugal ha sido desde Galicia hacia et mediodía y en tiempo que ya Galicia estaba con su idioma vulgar. Así, la lengua portuguesa pura no es otra que la extensión de la gallega, y que después se cargó de voces forasteras (moriscas, africanas, orientales, brasileñas, etc.)."³

"Dirán algunos que todo cuanto he dicho para introducir y promover en Galicia la lengua gallega (que actualmente se habla y no se escribe) o es una fantástica paradoja o va fundado en el aire. Dirán, pues, que la lengua gallega ni tiene gramática ni diccionarios, ni hay cosa escrita en esa lengua.

Esta razón supone, en falso, que no hay escritos en gallego. Si se revuelven los archivos, se hallarán en ellos más escritos en gallego que en castellano: el cancionero de Don Alonso el Sabio, que contiene sus copias en gallego puro; la *Crónica General* que llaman la gallega, coetánea a la *Crónica General de España*; en los archivos se conservan carros de escrituras en gallego, de foros, arriendos, donaciones, compras, apeos, etc., y en los oficios de los escribanos habrá muchos más instrumentos escritos en gallego puro, antes de Carlos V.

La gramática se podrá suplir por la portuguesa del Padre Pereira mientras no se hace otra nueva, y los vocabularios servirán de mucho el del Padre Bluteau, y para onomástico el del Padre Pacheco."⁴

"A un niño gallego de La Coruña y de 13 años [...] le enseñé el *Divertimento erudito* del Padre Pacheco en portugués y en cuatro tomos, y es uno como onomástico portugués, en que [las voces] están por clases. El niño gallego encontró [en librerías] los tres tomos primeros de ese *Divertimento* en folio y los llevó a su padre gallego, que es hombre de letras y está en Madrid [...]. El padre del niño gustó muchísimo de esa obra en portugués. [...] siendo gallegos el padre y el niño, con facilidad entenderán el texto portugués de la obra *Divertimento* [...]. Estoy firme que si los dos gallegos, padre e hijo, que están en Madrid, se dedicaren a repasar algunas veces [...] el *Divertimento erudito* en portugués de el Padre Pacheco, descubrirán esas dos personas un espacioso campo en el cual conseguirán a poca costa el tomar una tintura de todas las ciencias y artes con una mediana explicación. [...] No hay ciencia especulativa, no hay arte liberal, no hay oficio mecánico que no tenga unidas sus voces en portugués en el *Divertimento erudito* del Padre Pacheco. Yo he repasado esos tomos y casi son gallegas todas sus voces, fuera de tal cual pronunciación portuguesa que el niño gallego con facilidad podrá reducir a su lengua nativa."⁵

³ *Carta ao pade Terreros (1755)*.

⁴ Padre Martín SARMIENTO, *Discurso apologético por el arte de rastrear las más oportunas etimologías* (1770), núms. 116-117.

⁵ *Discurso apologético por el arte de rastrear las más oportunas etimologías* (1770), núms. 173-175, 176, 182.

Eduardo Pondal (1835-1917)

"Nobre e harmoniosa fala de Breogám [...]!
Tu, sinal misterioso dos teus filhos serás [...]!
Serás épica tuba, e forte sem rival,
que chamarás os filhos que além do Minho estão,
os bons filhos de Luso, apartados irmãos
de nós, por um destino invejoso e fatal;
com robustos acentos, grandes, os chamarás;
verbo do gram Camões, fala de Breogám!"⁶

"Esa *Crônica Troiana*
que agora de fresco temos
[...]
é uma cousa soberana.

Em esses acentos bravos
de fortes -e nom de escravos-,
com alentos soberanos
parec' que diga: - Abraçã-vos,
galegos e lusitanos.

Abraçade-vos contentos
desses vossos nobres sões,
sonoros e roburentos;
que som os vossos acentos,
os acentos de Camões."⁷

Murguia (1833-1923)

"O primeiro, o nosso idioma [...]; o formoso, o nobre idioma que do outro lado desse rio [o Minho] é língua oficial que serve a mais de vinte milhões de homens e tem urna literatura representada polos nomes gloriosos de Camões e Vieira, de Garrett e de Herculano; o galego, em fim, que é o que nos dá direito à inteira possessom da terra em que fomos nados [...]. Podemos dizer com verdade que nunca, nunca, nunca pagaremos aos nossos irmãos de Portugal [...] sobretudo que hajam feito do nosso galego um idioma nacional. Mais afortunado que o provençal -encerrado na sua comarca própria- nom morrerá."⁸

"Comecemos polo estudo do idioma que falamos há mais de dez séculos. [...] Povo que esquece a sua língua é um povo morto [...]. O primeiro a nossa língua [...], a língua que falou este povo durante mais de dez séculos, que é a que falam e entendem cerca de três milhões de galegos, dezaioito milhões de habitantes de Portugal e dos seus domínios, doze do Brasil. Nom pode perecer um idioma que tem uma literatura gloriosa, e nomes que som

⁶ Eduardo PONDAL, *Queixumes dos pinos*.

⁷ Ricardo CARBALLO CALERO, *Versos iñorados ou esquecidos de Eduardo Pondal*, Pontevedra 1961, pp. 193-194.

orgulho da inteligência humana. Por isso, e para recolher na Galiza o seu verdadeiro léxico, dar a conhecer a sua gramática e afirmar a sua existência, fundou-se esta Academia."

"O galego encontra-se hoje, para dita sua, nas condições de um idioma em formação (eu creio que, umas mais que outras, todas as línguas se encontram no mesmo caso), pois, em definitiva, som-no por essência aquelas que nom foram ainda fixadas pola cultura literária. Por fortuna, o português chegou já a este ponto e pode servir-nos para contrastar as formas usadas novamente polos que já as usaram num princípio. Urna e outra língua som totalmente o mesmo nas suas origens, no seu desenvolvimento, nas suas condições."

Viqueira (1886-1924)

"O português é um filho do galego, e entre os dous nom há mais capitalmente que diferenças fonéticas, que nom som tam grandes quicá como as que existem entre o andaluz e o castelhano. Se nós empregamos a ortografia histórica galaico-portuguesa teremos salvado a dificuldade que separa as duas línguas e daremos ao galego um carácter mais universal, fazendo-o acessível ao maior número de homens.

Foi um mal da literatura galega isolar-se mediante a sua ortografia. Escrita com ortografia portuguesa houvera corrido mais facilmente o mundo, e isto teria influido na vitalidade do nosso idioma e do nosso povo, pois ambos vam intimamente unidos".⁹

"O galego, nom sendo uma língua irmã do português senom uma forma do português (como o andaluz do castelhano), tem-se que escrever pois como português. Viver no seu seio é viver no mundo; é viver sendo nós mesmos!"¹⁰

"Para adaptar a nossa literatura aos leitores portugueses ternos que admitir a sua ortografia, é dizer, a hoje válida em Portugal, somente com aquelas modificações (bem pequenas por certo!) que exigem as diferenças da língua. Este caminho foi já seguido polos flamigantes na Bélgica, que houveram de tomar a ortografia holandesa, o que lhes aumentou de maneira considerável os leitores. Façámo-lo pois!"¹¹

"Insisto muito visto da ortografia, porque ela terá, unida à purificação da língua, uma virtude mágica: fará da nossa fala campesina, isolada e pobre, uma língua universal, de valor internacional e instrumento de cultura. Ademais, capacitará a todos os galegos para lerem o português, o que, diga-se o que se queira, hoje nom podem fazer."¹²

⁸ Manuel MURGUIA, *Discurso nos Jogos florais de Tui*, ano 1891.

⁹ J. V. VIQUEIRA, *Ensaios e poesias*, pág. 175.

¹⁰ *O. cit.* (na nota precedente), pág. 180.

¹¹ *O. cit.*, pág. 183.

¹² *O. cit.*, pág. 170.

Vicente Risco (1884-1963)

"Na Península Ibérica desprenderam-se do baixo latim medieval três línguas romances que ainda hoje a dividem em três bandas verticais (ficando ao Norte o ângulo euskérico). Valle-Inclán caracterizou-as com uma genial compreensom da índole social dos povos das três falas: Três romances se formaram na Península -diz-: catalâm de comerciantes, galego de lavradores e castelhano de dominadores. [...] Apesar da raiva com que o perseguem, o galego vive, fala-se polas quatro quintas partes da povoaçom, e acha-se hoje numa das suas épocas de maior florescia literário, convertendo-se em instrumento de expressom científica e de produçom filosófica.

Ora, o galego e o português som duas formas dialectais do mesmo idioma: isto indica que nós temos um maior parentesco com Portugal do que com Castela. Três falas, três civilizações; nós pertencemos à civilizaçom da banda ocidental, e culturalmente, pois assim é filologicamente, nada temos que ver com as outras duas. Queiramos ou nom, isto trava-nos fortemente, estreitamente, com Portugal e com a civilizaçom portuguesa."

"Poucos galegos se têm precatado do que Portugal é para nós. Portugal é a Galiza ceive e criadora, que levou polo mundo adiante a nossa fala e o nosso espírito, e inçou de nomes galegos o mapa do mundo. [...] Benito Vicetto -que é o Wells da história da Galiza, como Wells é o Vicetto da história universal- atina algumas vezes nas suas fantasias. Ele insiste de cote na ideia das duas Galizas: a Galiza Lucense e a Galiza Bracarense. Embora se nom possam sinalar os lindeiros de una e da outra, o certo é que tal dualidade nom somente existiu senom que foi decisiva -e por certo para mal- na nossa história. Com efeito: mentres a Galiza Lucense se entregou inerme e esquecida, os bracarenses souberam alongar Galiza até o Algarve, sustê-la independente e criar novas Galizas na América, na África, na Índia, na China, na Malásia. Mentres a história da Galiza Lucense é um perpétuo fracasso político, a de Portugal representa o triunfo da Galiza ideal, da Galiza galega, e tem que ser para nós portanto um motivo de orgulho e de esperança. Portugal é algo sagrado para nós."

Vilar Ponte (1881-1936)

"Uma naçom independente, com cultura gloriosa, vizinha da Galiza (outra Galiza, separada de nós por torpezas históricas) tem por língua a mesma galega, de que apenas se diferencia em pequenezes ortográficas e prosódicas."¹³

"Ou é que ainda há quem, possuindo alguna cultura, pense que o nosso idioma vernáculo e o idioma de Portugal nom som todo um e o mesmo, com idêntica sintaxe e idêntico léxico, salvo pequenas diferenças de morfologia, ortográficas e prosódicas, tam fáceis de subsanar (se nom se querem unificar à custa de um pequeno esforzo), e salvo galicismos e americanismos que abundam na fala dos irmãos de além Minho?"¹⁴

¹³ A. VILLAR PONTE, *Pensamento e sementeira*, Centro Galego de Buenos Aires 1971, pág. 236.

¹⁴ *O. cit.*, pp. 211 e 345-346.

"Entre o galego e o português de hoje nom há mais diferenças que as existentes entre o castelhano de Castela e o de Andaluzia e América; e a sua unificação é tam fácil, se nom mais, que a realizada por flamengos e holandeses com o idioma comum, que somente se diferenciava na ortografia e nalguns giros prosódicos. Quando se vam dar as normas precisas para intentá-lo pouco a pouco? Puderam ser chamados nunca a urna missom de maior transcendência no terreno da própria cultura, da cultura autóctone, a Academia Galega e o Seminário de Estudos Galegos? Esse é o caminho recto -o nosso Viqueira propugnava-o tenazmente- nom para localizar e capitidismuir o nosso génio, senom para universalizá-lo."¹⁵

"Os nacionalistas galegos temos que chegar aginha à maior unificação possível, sem mágoa do enxebre, entre o nosso idioma e o português. Assim o português lerá-se na Galiza doadamente, acabando com a vergonha de que se nos ofereça por intermédio do castelhano o seu génio, mais nosso que o génio castelhano; assim a independência do nosso espírito do de Castela, que nos tem mediatizado, virá de caminho."¹⁶

"Repetidas vezes tenho dito que *Os simples* de Guerra Junqueiro é um dos mais formosos livros de poesia galega -que todos os nossos poetas deveram aprender de memória-, porque nele as formas dialectais ao serviço de puros temas rústicos criam um português muito análogo ao bom galego corrente."¹⁷

"Tenso (como pensa o notável poeta Vitoriano Taibo e como pensaram outros, o malogrado Viqueira entre eles) que quanto tenda ao acercamento da nossa língua à lusitana servirá para que mais aginha a cultura autóctone da Galiza ganhe batalhas de amplo e transcendental sentido universalista.

Isto nom quer dizer, porém, que aconselhemos um absoluto aportuguesamento, senom que, como critério normativo, para redimir-nos da actual anarquia lexicográfica -característica de todos os idiomas renascentes que suportaram séculos de desvalorização-, vejamos na língua portuguesa a nossa melhor bússola orientadora."¹⁸

Rafael Dieste (1899-1981)

"Uma verba galega no meio do português é como urna pingota de água deitada numa cunca de água. O mesmo vem a suceder com uma verba portuguesa no meio do galego. O que quiser traduzir do português ao galego, ou ao revés, nom teria mais trabalho que o de cambiar a ortografia e algumas desinências. Existe entre o galego e mais o português tam estreita afinidade que quanto mais português é o português, e mais galego o galego, mais vêm a se assemelharem".

¹⁵ O. cit., pág. 346.

¹⁶ O. cit., pág. 257.

¹⁷ O. cit., pág. 142.

¹⁸ O. cit., pág. 142.

"Assim quicá chegássemos ao conqwerimento de uma língua franca galaicoportuguesa que servisse a todas as necessidades de expressom, sendo, doutra banda, muito respeitosos com os modos vernáculos quando convier."¹⁹

Castelao (1886-1950)

"Feijoo demonstrou que a língua galega nom é distinta da portuguesa, por serem pouquíssimas as vozes em que discrepam uma língua da outra; pero nom há dúvida de que o arredamento político fez declinar o romance original em duas formas dialectais, que se prestam a falsas interpretações. Na verdade, o portuguêz é o ramo mais viçoso e fecundo; pero a língua que fala o povo galego é o mesmo tronco da árvore. O Padre Feijoo discorre que o português e o galego som um mesmo idioma, porque nasceu nos tempos suevos, quando ambos os povos formavam uma só nacionalidade, separada de todas as demais províncias e debaixo da dominaçom de uns mesmos reis, e portanto era preciso que ao corromper-se ali a língua romana surgira um dialecto uniforme."²⁰

"Há hoje em todo Portugal um ar, um acento, uma pronunciaçom que já nos diferencia avondo; pero ainda que os ouvidos galegos estranhem as vozes portuguesas, nom por isso deixam de ser vozes nossas, vozes galegas. Só cumpre que portugueses e galegos juntemos as nossas almas como estám juntas as nossas terras, obedecendo ao *logos* que nos formou."²¹

"O rio Sil passava polo Monte Furado; pero um dia derrubou-se o túnel e as águas buscaram o seu velho canal, e hoje o Sil vai por onde devia ir. Assim, também é seguro que Galiza e Portugal se ajuntarám algum dia."²²

"Eu desejo que na Galiza se fale tam bem o galego como o castelhano, e o castelhano tam bem como o galego. Desejo, ademais, que o galego se acerque e confunda com o portuguêz, de modo que tivéssemos assim dous idiomas extensos e úteis."

Valentim Paz-Andrade (1898-1987)

"¿Qué camiño debe escoller Galiza para axustar a futura evolución da sua lingua? A pregunta presupón que o porvir da nosa fala non pende somentes dos factores alleos que veñen interferindo a sua rehabilitación en cheo. ¿Non pode dalgún xeito estar recramando certa virada no rumo da política interna do idioma?"

¹⁹ O artigo citado acha-se recolhido na colectánea de ensaios de Rafael DIESTE *Antre a terra e o ceo: prosas de mocidade (1925-1927)*, Ed. do Castro, Sada - A Corunha 1981, pp. 34-35. Outros artigos interessantes sob este respeito som os reproduzidos aquí nas pp. 11-12 e 133-134.

²⁰ CASTELAO, *Sempre en Galiza*, pág. 288. 7

²¹ *O. cit.*, pp. 346 e 347.

²² *O. cit.*, pág. 225.

Unha é a evolución continxente que deica agora seguiu. Outra a que en adiante deba ter. Aínda que a opción non veña por primeira vez ás nosas maos, podemos estar chegando ao intre no que deba ser exercida. ¿O galego ha de seguir mantendo unha liña autónoma na súa evolución como idioma, ou ha de pender a máis estreita similaridade co-a lingua falada, e sobre todo escrita, de Portugal e-o Brasil? Os termos da cuestión non deben ser tomados no senso de que o galego, pra marchar en maior irmandade formal co portugués, teña que deixar de ser o que é.

Non se pretende chegar à unificación literal. Máis trátase de conter a disociación, facendo os axustes necesarios pra aproveitar as ventaxas mútuas que un intertroque permanente podería proporcionar. A ninguén se lle oculta que, da parte da Galiza, hai a gañar moito máis que a perder, si a relación entre unha e outra fala se avivece e sostén"²³.

Álvaro Cunqueiro (1911-1981)

"el tema más urgente, la lengua. Es el nudo de la cuestión. La vida de la lengua, el gallego, hoy, ahora mismo, en abril de 1961. Y las posibilidades luso-brasileiras de la lengua. [...] Tenemos que ponernos en forma para un «parlamento total» de la lengua gallega, para un pie de igualdad con los otros de nuestra misma matriz lingüística, en Portugal y en el Brasil".

"Nosotros tenemos que ir, inevitablemente, con los portugueses y los brasileños hacia una unificación ortográfica. Ellos poseen, ambos, una misma ortografía, y nosotros arrastramos la invención de los precursores del siglo XIX, que al cabo de los siglos volvieron a escribir el idioma y lo hicieron empleando una ortografía híbrida, muy influida por el castellano. Ten en cuenta que el año 2000 hablarán el gallego-portugués-brasileño 200 millones de personas. Nosotros seremos siempre un poco marginales en este concierto, pero sin duda podemos tener en él una gran audiencia. El interés que en las capas cultas y universitarias del Brasil se ha despertado estos años hacia la literatura gallega es considerable. La labor del doctor Rodrigues Lapa, una especie de Menéndez Pidal del portugués, ha sido decisiva en este sentido"²⁴.

"Cuando logremos la unificación ortográfica del gallego con el portugués, nuestro idioma podrá ser hablado por 200 millones de personas"²⁵.

[o idioma da Galiza é] "uno de los idiomas futuros, que será hablado en el año 2000 por 200 millones de personas, contando Portugal, Brasil y Galicia, que hablan el mismo idioma con diferencias ortográficas unificables"²⁶.

²³ Porvir da língua galega, pág. 131.

²⁴ Baltasar PORCEL, «Álvaro Cunqueiro, un hombre de nación gallega», em: *Destino* (Barcelona), 8 de marco de 1969.

²⁵ Juan Antonio IGLESIAS, «Álvaro Cunqueiro: su idioma es el principal problema de Galicia», em: *El Mundo*, 19 de julho de 1969.

²⁶ M. J. GANDARIASBEITIA, «Álvaro Cunqueiro en Bilbao», em: *La Gaceta del Norte* (Bilbao), 31 de janeiro de 1970.

"El Estado español no puede permitirse el lujo de jugar con una de las pocas lenguas que todavía hay en el mundo. En el año 2000 la hablarán unos 200 millones de personas (gallego, portugués, brasileiro)"²⁷.

Carvalho Calero (1910-1990)

"O nacionalismo lingüístico que propugna o isolamento do galego, parece inconsciente manifestación de vassalagem ao ponto de vista centralista castelhana. O isolacionismo frente ao portugués, que é historicamente una dependência do galego, nom pode conducir senom ao bloqueio das posibilidades de expansom do noso idioma, o qual, reducido a un número pequeno de falantes e escreventes, nom poderia resistir com éxito à pressom do espanhol oficial. O romance hispánico occidental, com a sua projeccom ultramarina, é uma língua com porvir. Se o galego se desintegra do seu sistema natural, nom tem ante si mais perspectivas de futuro que a integración no sistema castelhana, ou seja, a sua desaparición como tal galego. Uma microlíngua é antieconómica no mundo actual, em que som ininteligíveis e inviáveis as unidades microscópicas. Uma língua tam ameaçada como o galego nom pode sobreviver senom apoiando-se nas demais formas do sistema, quer dizer, reintegrando-se no complexo luso-galaico, do qual geneticamente forma parte."

"Deste jeito, seríamos o que somos, voltaríamos a ser o que fomos: o romance mais occidental, nom esnaquizado em dous anacos isolados senom reintegrado numa unidade sistématica que nom exclui a autonomia normativa."

"[...] o espléndido isolamento do galego é um suicidio ou um assassinato por asfíxia [...]. Nom podemos aceitar o galego na situação de deformação patológica na qual chegou até nós. A língua popular nom pode ser considerada como canónica, porque está corrompida polo contacto com a língua oficial. Se nom dizemos *Deus*, senom *Dios*; *lua*, senom *luna*; *cea* ou *ceia* senom *cena*; *só*, senom *solo*, porque estas segundas formas som as usadas polo povo, estamos consagrando o castelhanismo. Ao povo há que lhe devolver o que foi seu quando nom estava alienado linguisticamente. Agora o está em tam alto grau que considera próprias as formas alheias, e estranha como alheias as próprias quando se lhe propõem. Alguns demagogos querem manter este estado de alienação, e rejeitam como artificiosas as formas restauradas. Comovedora homenagem de ignorância ou fanatismo ao mito do galego popular, se nom se trata de uma maquiavélica manobra encaminhada a fazer impossível a supervivência do galego."²⁸

"Chamo ortografia castelhana aquela que a burocracia oficial e a sua clientela dérom

²⁷ Félix POBLACIÓN, «Álvaro Cunqueiro: el compromiso de crear», em: *Arriba* (Madrid), 24 de agosto de 1975. Sobre Álvaro Cunqueiro, sob este respeito, vid. Jenaro MARINHAS DEL VALLE, «A língua do escritor», em: *Agália* (A Corunha - Ourense), núm. 25 (Primavera 1991: número monográfico dedicado a Alvaro Cunqueiro), pp. 43-50; José-Martinho MONTERO SANTALHA, «Cunqueiro: da fala popular à língua literária», em: [VÁRIOS], *Associação Galega da Língua [AGAL], Congresso A. Cunqueiro: Actas (Mondohedo, 19, 20 e 21 de Abril de 1991)*; *Coordenadores da edição: Aracéli HERRERO FIGUEROA, Bernardo PENABADE REI, Xavier CORDAL FUSTES, Ramon REIMUNDE NORENHA*, Servicio de Publicaciones [de la] Diputación Provincial, Lugo 1993, 233 pp., pp. 99-113.

²⁸ Ricardo CARBALLO CALERO, *Problemas da língua galega*, Sá da Costa Editora, Lisboa 1981, pp. 19, 20 e 20-21.

agora em chamar 'ortografia vigente', como se fosse a única em vigor. [...] Que esta ortografia seja chamada galega é umha verdadeira perversom semántica" (na revista *Agália*, núm. 20, inverno 1989).

b) O sistema ortográfico: a "extravagante" ortografía "galega"

A seguinte tabela permite-nos observar alguns exemplos, confrontando a norma ortográfica "galega" com a das 5 ortografias que resultam mais próximas e mais conhecidas na nossa cultura: castelhana, portuguesa, francesa, italiana e inglesa. Ademais do uso de *x* por *g* ou *j* (*xentil* / *gentil*), seleccionei a modo de exemplo outros 5 fenómenos gráficos: *b/v* (*haber* / *haver*), *s/ss* (*pasar* / *passar*), *c/q* (*cuestionar* / *questionar*), o uso de um só acento ou de vários, e o signo de interrogarção inicial.

	<i>x/g</i>	<i>b/v</i>	<i>s/ss</i>	<i>c/q</i>	acentos	¿
galego:	<i>xentil</i>	<i>haber</i>	<i>pasar</i>	<i>cuestionar</i>	<i>é</i>	¿ <i>onde?</i>
castelhana:	<i>gentil</i>	<i>haber</i>	<i>pasar</i>	<i>cuestionar</i>	<i>é</i>	¿ <i>dónde?</i>
português:	<i>gentil</i>	<i>haver</i>	<i>passar</i>	<i>questionar</i>	<i>é, ê</i>	<i>onde?</i>
francês:	<i>gentil</i>	<i>avoir</i>	<i>passer</i>	<i>questionner</i>	<i>é, è, ê</i>	<i>où?</i>
italiano:	<i>gentile</i>	<i>avere</i>	<i>passare</i>	<i>questionare</i>	<i>é, è</i>	<i>dove?</i>
inglês:	<i>gentle</i>	<i>have</i>	<i>pass</i>	<i>question</i>	–	<i>where?</i>

O neno suicida

(um dos contos do livro *Dos arquivos do trasno* (1926), de Rafael DIESTE (Rianjo 1899 - Santiago 1981))

Quando o taverneiro rematou de ler aquela nova inquietante -um neno suicidara-se pegando-se um tiro na sém direita-, falou o vagabundo desconhecido que acabava de jantar mui pobrememente num curruncho da tasca marinheira, e dixo:

- "Eu sei a história desse *nenos*".

Pronunciou a palavra *nenos* dum jeito mui particular. Assim foi que os quatro bebedores de aguardente, os cinco de alvarinho e o taverneiro calarom e escuitarom com gesto inquiridor e atento.

- "Eu sei a história desse neno" -repetiu o vagabundo. E, trás uma solerte e bem medida pausa, começou:

- "Alá polo mil oitocentos e trinta, uma beata que depois morreu de medo, viu sair do campo-santo florido e recendente da sua aldeia um velho mui velho em coiro. Aquele velho era um recém-nascido. Antes de sair do ventre da terra-mae escolhera ele mesmo esse jeito de nascimento. "Quanto melhor ir de velho para moço que de moço para velho!", pensou sendo espírito puro. A Nosso Senhor chocou-lhe a ideia. Porque nom fazer a prova? Assim foi que, com o seu consentimento, formou-se no seio da tenra um esqueleto. E depois, com carne de verme, fixo-se a carne do homem. E na carne do homem aformigou o calorzinho do sangue. E como todo estava listo, a terra-mae pariu. Pariu um velho em coiro.

De como depois o velho topou roupa e mantimento é cousa de multo riso. Chegou às portas da cidade, e, como ainda nom sabia falar, os ministros, depois de lhe botarem uma capa em riba, levarom-no diante do juiz, dizendo, como se tivessem sido testemunhas: "Aqui lhe trazemos este pobre velho que perdeu a fala com a tunda que lhe derom uns ladrões mal entranhados: nem roupa lhe deixarom".

O juiz deu ordens e o velho foi levado a um hospital. Quando saiu, já bem vestido e mantido, diziam-lhe as monjinhas: "Vai feito um bom moço. Até parece que perdeu anos".

Daquela já aprendera a falar algo e fixo-se esmoleiro. Assim andou muitas terras. Alá em Lourdes estivo duas vezes; da segunda tam remoçado que os que o conheceram da primeira cuidarom que fora milagre da Virgem.

Quando adquiriu experiência avondo, pensou que o melhor era manter secreta aquela estranha condiçom que o fazia mais moro quantos mais anos corressem. Assim, nom o sabendo ninguém - nom sendo um ou dous amigos fieis-, poderia viver melhor a sua verdadeira vida.

Trabalhou de velho e fixo-se rico para folgar de moço. Dos cinqüenta aos quinze anos a sua vida foi a mais feliz que se pode imaginar. Cada dia gostava mais às moças e andou liado com muitas e com as mais bonitas. E até diz-que uma princesa... Pero disso nom estou certo.

Quando chegou a neno, começou a vida a se lhe ensarilhar. Dava-lhe medo a surpresa com que o viam entrar tam ceive nas tendas a mercar lambetadas e joguetes. Algum rateiro de viseira calada tem-no seguido ao longo de muitas ruas tortas. E alguma vez tem comido as suas lambetadas a tremer de angústia, com as bágoas nos olhos e o almíbar nos beijos. A derradeira vez que o topei -tinha ele oito anos- andava mui triste. Pesavam, ademais, tanto no seu espírito de neno os recordos da sua velhice!

Logo começou a lhe escarabelhar dia e noite uma obsessom tremenda. Quando passassem alguns anos recolheriam-no em qualquer caleja extraviada. Quiçá alguma senhora rica e sem filhos. Depois... Quem sabe o que passaria depois! A lactância, os passeios num carrinho, com uma sonalha de axôuxeres na mãozinha tenra. E ao remate... Oh!, o remate punha espanto. Cumprir o seu sino de homem que vive ao revés e refugiar-se no seio da senhora rica -poda que quando ela dormisse- para ir ali devecendo até se trocar primeiro numa samessuga e depois em arúmia e logo em pequeníssima semente..."

O vagabundo ergueu-se mui pensativo, com as mãos nos petos, e deu alguns passeinhos todo amargurado. Ao cabo dixo:

- "Explico-me, si, explico-me que se chimpasse um tiro na sém o pobre rapaz".

Os quatro bebedores de aguardente criam. Os cinco de alvarinho sorriam e duvidavam. O taverneiro negava. Quando todos discutiam mais afervoradamente, o taverneiro ergueu-se de súbito nas pontas dos pés e pujo-se a mirar todo ao redor com os olhos mui abertos. O vagabundo desaparecera sem pagar.